

**E AGORA, JOSÉ? TINHA UMA PEDRA NO MEIO DA QUADRILHA:
PEQUENAS NOTAS SOBRE TRÊS POEMAS REFERENCIAIS DA OBRA DE
DRUMMOND**

***AND NOW JOSE? HAD A STONE IN THE MIDDLE OF THE QUADRILHA:
SMALL NOTES ON THREE REFERENTIAL POEMS OF THE WORK OF
DRUMMOND***

Roberto Remígio Florêncio¹

Carlos Alberto Batista dos Santos²

Resumo: O presente manuscrito, cujo objetivo central é contribuir com o estudo crítico de três poemas referenciais da obra de Carlos Drummond de Andrade, tenta lançar novas perspectivas interpretativas sobre “No meio do caminho” (1930), “José” (1942) e “Quadrilha” (1930). Identificando relações contextuais e de crítica social, as análises abordam duas características importantes da poesia drummondiana: o intimismo e o engajamento sócio-humanístico. O poeta passeia entre o lírico e o crítico com a mesma subjetividade e inovação. Foram selecionados os textos em questão por se tratarem dos mais significativos exemplos da poesia de Drummond, textos de relativo reconhecimento popular e maior constância entre os livros didáticos. Como critérios de interpretação, baseadas em Moisés (1988), Nicola (1998) e Maigne (2012), depreende-se uma variação de análises baseada em revisão literária. Ao final, depreende-se uma ponte nítida e concreta entre o contexto, o engajamento social e a postura humanística do autor.

Palavras-chave: Interpretação Textual. Literatura Brasileira Moderna. Contextualização.

Abstract: The present manuscript, whose central objective is to contribute to the critical study of three referential poems from the work of Carlos Drummond de Andrade, tries to launch new interpretative perspectives on “No meio do caminho” (1930), “José” (1942) and “Quadrilha” (1930). Identifying contextual and social critical relationships, the analyzes address two important characteristics of Drummond's poetry: intimacy and socio-humanistic engagement. The poet walks between the lyrical and the critic with the same

¹ Doutorando em Educação (UFBA); Mestre em Educação e Cultura (UNEB); Graduado em Letras (UPE) e em Pedagogia (UNEB). E-mail: betoremigio@yahoo.com.br

² Doutor em Etnozoologia (UFRPE); Professor efetivo da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: cacobatista@yahoo.com.br

subjectivity and innovation. The texts in question were selected because they are the most significant examples of Drummond's poetry, texts of relative popular recognition and greater consistency among textbooks. As interpretation criteria, based on Moisés (1988), Nicola (1998) and Maiguenau (2012), a variation of analyzes based on literary revision appears. In the end, a clear and concrete bridge between the context, the social engagement and the humanistic posture of the author is revealed.

Keywords: Textual Interpretation. Modern Brazilian Literature. Contextualization.

1. INTRODUÇÃO

O poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) é um daqueles casos raros na cultura nacional em que crítica e público encontram um consenso relativamente satisfatório. Considerado por muitos pesquisadores da Literatura, um dos mais importantes poetas brasileiros de todos os tempos, Drummond é, ao mesmo tempo, um dos poetas/escritores mais citados entre leitores e, principalmente, na contemporaneidade virtual. Nas redes sociais, aparece entre os cânones mais citados, junto a Clarice Lispector e Vinícius de Moraes, segundo Barbosa (2018).

É possível que a maioria dos estudantes secundaristas não conheça sua vasta obra literária, nem mesmo compreenda a sua poética com profundidade. Provavelmente, muitos torçam o nariz para poemas como “*No meio do caminho*” e não compreendam as metáforas de seus poemas mais famosos, como “*O poema de sete faces*”. Mas, de uma forma ou de outra, os brasileiros em geral reconhecem seus poemas e identificam a “*sua lavra de ouro*” como a nenhum outro poeta nacional. É provável que “*Quadrilha*” seja um dos textos mais parodiados ou parafraseados da Literatura Brasileira e, em tempos de crise, a expressão “E agora, José?” (do poema “*José*”, 1942) não perdeu sua atualidade significativa.

Entretanto, ante a contemporaneidade dos movimentos sociais e, em detrimento, da urgência comunicativa presente nas redes sociais, é preciso que se diga o óbvio em relação à subjetividade do fazer poético drummondiano: compreender a poesia de Drummond não é tarefa simples. Seus poemas são subjetivos, inovadores, têm humor, são autobiográficos, questionadores e nada

ortodoxos. Por isso, as intenções desse estudo, baseado em pesquisa bibliográfica e em análise textual dos discursos presentes em algumas obras do poeta mineiro, também estarão a serviço da melhor compreensão de suas ideias para professores e estudantes de Literatura, além dos admiradores da poesia moderna e contemporânea.

O poeta do humano e da humanidade, nascido em Itabira do Mato Dentro, interior de Minas Gerais, a 31 de outubro de 1902, viveu na pequena cidade somente quando ainda era ladeada por imensas montanhas e matas virgens. A terra natal tinha “*Noventa por cento de ferro nas calçadas, oitenta por cento de ferro nas almas*”, segundo “*Confidências do Itabirano*” (1962), na metáfora da produção deste metal na região. O ferro das calçadas poderia ter sido extraído das montanhas, mas, para o poeta, nos parece que veio das almas. Drummond não tem a intenção de nos explicar isso em sua obra, mas exemplifica sua angústia, seu “sentimento do mundo”, sua “incoerência” em diversos poemas. Poemas que pululam de sua verve ainda muito jovem, quando se transfere para Belo Horizonte e, posteriormente, ao desembarcar no Rio de Janeiro, capital federal à época, onde moraria a maior parte da sua vida até a morte em 1986. Solitário, exercia longas caminhadas por Copacabana, onde hoje, sua estátua em bronze recebe a maresia do atlântico, sob o sol forte dos verões cariocas e a ação predatória de vândalos, que lhe arrancam constantemente os óculos.

2. DRUMMOND: UMA LÍRICA PONTE METÁLICA

Drummond cruzou praticamente todo o século XX e legou uma vastíssima obra, diversificada em gênero, temática e estilo: escreveu cartas aos amigos, artigos para jornais e revistas, poemas longos, poemets, haicais, belos exemplares de poesia concreta, desenhos, crônicas das mais variadas, textos para o público infantil, além de contos e poesia erótica. Talvez por isso, não ganhou nenhum epíteto duradouro, como o “Príncipe dos Poetas” (de Olavo Bilac), o “Poetinha” (de Vinícius de Moraes) ou o “Engenheiro das Palavras” (de João Cabral de Melo Neto). Drummond atende apenas pelo título de poeta. Seu estilo é marcado pelo não-estilo, pela não confluência da

repetição, pela não certeza de se estar escrevendo poesia. Talvez a heterogenia seja sua grande marca, ainda que o *fazer poético* tenha sido sua grande preocupação.

No poema “*Procura da poesia*”, do livro “*A rosa do povo*” (1945), Drummond inicia uma lista de “mandamentos” de como não se construir um poema, com o que muitos entendem como crítica aos que utilizam fatos do cotidiano para produzirem arte:

Procura da poesia

Não faças versos sobre acontecimentos.

Não há criação nem morte perante a poesia. (...)

Não faças poesia com o corpo,

esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à efusão lírica. (...)

Nem me reveles teus sentimentos,

que se prevalecem do equívoco e tentam a longa viagem.

O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia.

Não cantes tua cidade, deixa-a em paz. (...)

Não dramatizes, não invoques,

não indagues. Não percas tempo em mentir.

Não te aborreças. (...)

Não recomponhas

tua sepultada e merencória infância. (...) (ANDRADE, 1945 p.

11).

Nos versos seguintes, Drummond explicita o que de fato deseja neste poema: refestelar-se no fazer poético, embriagar-se da alma poética que ronda a sua aura. Por isso, defende a palavra como instrumento primordial para esta imersão poética a que ele se propõe. Então, sugere:

Penetra surdamente no reino das palavras.

Lá estão os poemas que esperam ser escritos.

Estão paralisados, mas não há desespero,

há calma e frescura na superfície intata.

Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.

Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.

Tem paciência se obscuros. Calma, se te provocam.

*Espera que cada um se realize e consume
com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio.*

(...)

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

*tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:*

Trouxeste a chave? (...) (ANDRADE, 1945 p. 12).

Onde estariam as chaves? Que abrem estas chaves? Quem as tem? Drummond encerra o teor injuntivo do seu poema com a palavra “chave” e a interrogação da dúvida que ele agora divide com seus colegas. Somos poetas? Porque ficar com a dúvida apenas para si? Fiquemos todos. E encerra o poema de maneira inicialmente delicada e poética, para estremar sua concepção humana, dura, ainda que lírica: a beleza singular da parte final pode ser a realização pessoal do sentimento universal do fazer poético. Seria a chave?

(...)

Repara:

ermas de melodia e conceito

elas se refugiam na noite, as palavras.

Ainda úmidas e impregnadas de sono,

rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.

(ANDRADE, 1945 p. 12).

Neste instrumento de metalinguagem, Drummond demonstra a sua capacidade lírica: *as palavras, úmidas e impregnadas de sono rolam num rio difícil...* Quem poderia dizer que essas metáforas não poderiam ser esclarecedoras para o ser impregnado de medo e de desejo? O que Drummond opera com a produção da série de palavras nada mais é que o fio necessário para que se construa a poesia, segundo Amora (2006, 45), baseando-se em Aristóteles: “a bela tragédia é aquela cuja composição deve ser, não simples, mas complexa”, faz parte da arte do espírito, em que o autor é responsável também pelo que lhe escapa.

Como esse espectro de metanálise, damos cabo do que poderíamos nominar de embasamento teórico da poesia drummondiana. O que vem agora é um exercício de metapoesia baseado no que se sabe, através da revisão de literatura e das análises literárias dos livros didáticos, ao que se pode se aventurar em pistas deixadas pelo poeta para se compreender as nuances do que se quis dizer, pelo não-texto, pela não exposição dos fatos. Assim é quando uma pedra nos impede a passagem, quando não temos saída ou quando o rodopio de uma dança nos faz perder o equilíbrio.

3. A PEDRA NO MEIO DO CAMINHO

Drummond dedicou extensa parte de sua composição à dúvida do fazer poético; essa dualidade de ser poesia ou não, ou a própria *procura da poesia*, está presente em quase todos os seus textos, desde a indignação irrequieta de “*No meio do caminho*”, em sua obra de estreia “*Alguma Poesia*”, de 1930:

No meio do caminho

Tinha uma pedra no meio do caminho

No meio do caminho

Tinha uma pedra

No meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento

Na vida de minhas retinas tão fatigadas

Nunca esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho

no meio do caminho tinha uma pedra.

O que dizer de poema tão curto, hermeticamente simplório e de versos tão repetitivos? O mais polêmico dos poemas de Drummond, *No meio do caminho* suscitou tantas controvérsias que o próprio poeta não pôde ignorar as críticas, e em 1968, publicou “*Uma pedra no meio do caminho – Biografia de*

*um poema*³, onde reuniu tudo o que se havia publicado acerca dos versos de “*No meio do caminho*” e a sua necessária repetição, ainda incompreendida. A sensibilidade do autor está justamente em não conseguir transpor a pedra que “ainda está no meio do caminho”, segundo Barbosa (1988). A pedra continua no meio do caminho; o fazer poético esbarra no obstáculo; o sentimento do mundo é interrompido; a travessia do ser humano tem o seu caminho bloqueado. *Drummond*, digo o Eu-lírico, encontra-se parado, preso ao seu passado, *ou ser ou não ser*, ao fazer-se poético.

Em um dos seus poemas mais subjetivos/introspectivos – faz-se aqui um destaque para a personalidade materializada de “*Confidências do itabirano*”: “*Alguns anos vivi em Itabira./ Principalmente nasci em Itabira. Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.*” – a poesia de Drummond perpassa elementos metafísicos, emotivos e memoriais, posicionando-se acima e adentro de elementos culturais, sociais e históricos, com uma carga de subjetividade que beira a autobiografia, mas afasta-se da retórica morosa, como ele mesmo diz, “funcionalismo público”. A confirmar-se, segundo análise de Teles (2009), ao anexar fatos da vida de Drummond, como a morte do filho primogênito, logo após o nascimento. Pois, segundo o crítico, a palavra *pedra* teria função equiparável à *perda*, em uma figura de linguagem chamada hipértese. O tom do poema é o do observador histórico (presença do verbo no pretérito imperfeito: *tinha*), mas sua poética lateja nos versos que seguem (*nunca esquecerei na vida de minhas retinas tão fatigadas, vividas, cansadas*,). Nas palavras de Barbosa (1988), como qualquer humano, o indivíduo “fraco e forte, tímido e voyeur, irônico e solidário, confidente e mineiramente arredo”. Drummond foi emocional, mas não apenas isso, traduziu a dor, a perda, o medo, enquanto sentimentos humanos, pessoal e universalmente.

O poeta *gauche* é um contemplador orgulhoso que se considera maior que o mundo num mesmo momento em que se vê quebrantado pela realidade, pelo dualismo do Eu menor que o Mundo, sente-se fraco e não vacila em apelar: “*Meu*

³ Em 1947, Drummond começou a produzir “Uma pedra no meio do caminho – Biografia de um poema”, inicialmente irritado com as críticas. Depois, resolveu debater sobre as inúmeras reportagens e resenhas sobre aquele que se tornou o poema mais discutido do Modernismo Brasileiro. O livro foi lançado 40 anos após a publicação do poema.

Deus, porque me abandonaste” (BARBOSA, 1988; in: praticandoaleitura@blogspot.com).

No entanto, pela vida e obra do poeta mineiro, é possível certificar-se de que ele não foi um poeta omissos aos acontecimentos sócio-políticos do país. Pelo contrário, sempre questionou tanto os desmandos do poder quanto a capacidade literária da poesia nesse enfrentamento. Portanto, não se pode acreditar que Drummond quis se alhear aos acontecimentos da época. Pelo contrário, vivia-se em um contexto de grandes transformações políticas e sociais. As atrocidades da II Guerra Mundial e o autoritarismo de Getúlio Vargas no Brasil deixavam claro que não se podiam “fazer versos” sobre “acontecimentos”.

4. E AGORA, JOSÉ? A FESTA ACABOU

É preciso ponderar que o texto literário não é um reflexo ou resultado de determinado contexto social, político e histórico, como uma reação de causa e efeito. A literatura pode abordar tais aspectos, mas a questão estética de certa obra não pode ser negligenciada. Porque literatura é ficção, não um esboço da realidade, é verossímil. Então, cabe ao autor/leitor observar a fatura do poema, a técnica em si. Logo, a análise consiste em examinar a temática do poema sendo delineada a partir de alguns fatores, como ritmo, musicalidade, métrica, imagens poéticas e metáforas, que, em “José”, de 1942, Drummond faz uso de maneira impressionante.

José

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,

que ama, protesta?
e agora, José?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

E agora, José?
Sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio — e agora?

Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,

Minas não há mais.

José, e agora?

Se você gritasse,

se você gemesse,

se você tocasse

a valsa vienense,

se você dormisse,

se você cansasse,

se você morresse...

Mas você não morre,

você é duro, José!

Sozinho no escuro

qual bicho-do-mato,

sem teogonia,

sem parede nua

para se encostar,

sem cavalo preto

que fuja a galope,

você marcha, José!

José, para onde?

Neste poema, Drummond constrói uma das críticas mais contundentes de sua obra. Reflexivo e assertivo, o poema, “através de uma linguagem simples e de uso constante de repetições, provoca no leitor uma profunda reflexão, pois o medo torna-se tão poderoso que chega a ser agressivo”, segundo Rocha (blog RECANTO DAS LETRAS, s/p, 2018). Assim, podemos chegar à conclusão de que Drummond busca as transformações sociais e políticas para evitar o contexto vivido, principalmente o da 2ª Guerra Mundial, que estava no auge. ainda assim, o poeta não consegue se afastar do ser humano que minimamente constrói e constitui o seu eu-lírico, demasiadamente pesado, incomodado e melancólico, por toda sua obra.

A arte (também a literária) sempre esteve ligada à vida do ser humano, até mesmo por uma relação inerente deste com a mimesis. O homem se diferencia dos outros animais pelo poder de criar cultura. Nasce com a herança do saber acumulado dos seus antecessores e da vida. Então, modifica, amplia e deixa como legado este conhecimento. Por menor que possa parecer, o contexto do saber ou o saber contextual é indispensável, porque o simples aprendizado não justifica a complexidade da inteligência inata dos seres humanos da contemporaneidade. Segundo Coutinho (1984; 2004), a arte é a transposição de um mundo irreal para a realidade, não cabe em medidas e análises técnicas; extrapola limites, é atemporal e imensurável. Ainda mais, ela não se isola do homem e do seu contexto histórico, por mais que se tente, como nos movimentos de vanguarda, no cubismo ou no dadaísmo – o fazer por fazer –, a arte encontra-se vinculada ao jeito de ser do ser humano, de encarar o mundo que o cerca e de contemplação de ambientes físicos, psíquicos ou emocionais, em realidades naturais ou sobrenaturais. O território em que o ser humano vive é mais que um espaço geográfico, é um elemento imaterial de sua existência.

A literatura, enquanto a arte da palavra, acompanha o homem tanto nas suas mais importantes e fantásticas criações como na banalidade do seu dia-a-dia, recheado de repetições e tédios. E, destes cenários tão contrários, complexos ou simples, retira matéria prima para sua mimesis. Exemplos disso são os próprios poemas produzidos nestas vanguardas citadas. A maioria dos temas destaca uma mudança ou pelo menos uma tentativa de mudar os conceitos da arte literária. Mas, isto também seria uma epifania, a corporização daquilo que se quer dizer, em uma situação metalinguística (MAINGENEAU, 1997).

A relação entre homem/sociedade e a arte/literatura é de tal importância para o desenvolvimento da humanidade que não se percebe o homem no contexto histórico sem a sua literatura (COELHO, 1974). Moisés (1988) diz que a desvinculação um do outro (homem x literatura) torna a compreensão de um dos dois incompleta e por vezes equivocada. Situar a literatura em um

determinado contexto é conhecer o homem naquele período histórico e vice-versa.

5. UMA QUADRILHA PARA FINALIZAR A CONVERSA

Muitas vezes, a arte da palavra não expõe sua ideia central à primeira leitura. Os estudos de análise feitos por Platão e Fiorin (1999; 2001), a partir de diversos textos, inclusive “*Quadrilha*” de Drummond, aponta-nos um bom exemplo de como “esconder” a ideia central de uma obra de arte. Mas, não só para ludibriar o leitor, a epifania é muito comum nas obras literárias. Clarice Lispector costuma nos encaminhar para um desfecho excepcional em suas narrativas, ao que nos surpreende com seus finais óbvios e, por isso, impensáveis e inovadores.

A *quadrilha* a que Drummond se refere não nos aparece clara, visto que o termo dispõe de diversos significados. A narrativa do texto é demasiadamente simplória, inclusive com uma repetição de palavras infantilizada, mas necessária para impor o ritmo necessário à quadrilha. A mudança para a segunda estrofe faz com que se perca o ritmo impregnado pela primeira, segundo Florêncio (2014; 2016). Poderia estar aí a passagem do tempo? Drummond não nos informa, mas vai, ao longo do pequeno texto, nos dando dicas de como decifrá-lo:

Quadrilha

*João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili,
que não amava ninguém.*

*João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.*

Lili, a personagem “diferente” dos demais (João, Tereza, Joaquim, Maria e Raimundo), aparece como elemento problematizador da teia narrativa, em que o tema, mesmo parecendo ser sobre as desilusões do amor, aborda os

interesses econômicos que a personagem tem casando-se (sem amar ninguém) com J. Pinto Fernandes, que era de outro nível, pois não havia entrado na história (ou na quadrilha, típica dança popular).

Antes de concluir, transcrevo na íntegra uma análise bem humorada do poema, por Davis (in: www.homoliteratus.com, 2015).

Sempre achei triste o poema *Quadrilha*, do Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1930, em sua primeira obra *Alguma Poesia*. Nele, o poeta fala sobre os descompassos do amor, sobre os desejos não realizados, sobre o destino frustrando as expectativas de João, Teresa, Raimundo, Maria, Joaquim e Lili. Quem nunca amou alguém que amava outra pessoa? Como na dança da quadrilha, os pares se alternam pela vida na busca de saciar a fome ancestral que move a humanidade: o amor! E porque o amor não se concretiza, os personagens vão um a um vivenciando a sua tragédia pessoal. O exílio de João, nos Estados Unidos, e o de Teresa, no convento. O desastre que consumiu a vida de Raimundo. O título de tia outorgado a Maria – outro desastre! O suicídio de Joaquim e o casamento de Lili com J. Pinto Fernandes que até então não tinha nada a ver com a ciranda. Por fim, sempre fica a impressão de que Drummond não acredita que a felicidade esteja numa instituição do código civil. Em *Quadrilha* o poeta pinta o casamento como mera convenção social, a antítese do amor, como demonstraria mais tarde nos célebres versos de *A Mesa*, outro grande poema do autor: *Amou. E ama. E amará. / Só não quer que seu amor / seja uma prisão de dois, / um contrato, entre bocejos / e quatro pés de chinelo*. É justamente Lili, que não amava ninguém, a única apta ao casamento – uma mera instituição ligada ao status e aos interesses financeiros. Lili passa então a ser a senhora Pinto Fernandes, uma propriedade.

De forma mais didática e apresentando elementos comprobatórios das três principais “pistas” deixadas por Drummond para elucidação desse poema-enigma, Platão e Fiorin (2001) trazem uma análise bastante peculiar e interessante. Os autores, no entanto, conseguem desvincular o possível sentimento negativo de Drummond acerca do amor. A “*Quadrilha*” é o cenário para efetuar o círculo amoroso que se inicia e é apresentado na primeira estrofe, bela e rítmica. Então, o movimento de “amar”, para fins de compreensão, podem ser trocados por “dançar”. Dança-se uma quadrilha, ou em uma quadrilha. Enquanto as desilusões amorosas e os finais “trágicos” aparecem na segunda estrofe, sem beleza e sem ritmo, Drummond pode querer abordar a passagem da juventude para a idade adulta, em que todos, se

“resolveram” na vida. Percebemos os verbos no passado, mas no pretérito imperfeito (contínuo) na primeira estrofe, o que dá a sensação de que acontecia (amava), e no pretérito perfeito (morreu, foi, ficou, casou), no intuito de revelar uma ação única, definitiva, final.

A pista mais contundente de que o poema esconde algo está no fato de Lili casar, ainda que não amasse ninguém. J. Pinto Fernandes, no entanto, não é personagem da trama, mas um importante elemento de construção do entendimento, pois representa a elite a qual Lili almejava. O fato de J. Pinto Fernandes não ter entrado na história denuncia que ele não dança quadrilha, não se mistura com o povo. Por ser o único sem nome (J.) e com sobrenome pomposo (Pinto Fernandes) acelera a compreensão de que se trata de homem rico, família importante, patrimônio. O fator sexual (ironizado por Drummond no sobrenome do personagem) não é esquecido pelos autores que associam à masculinidade ao sobrenome Pinto (PLATÃO & FIORIN, 2001).

Os outros personagens se conformam diante de um opositor imbatível (o dinheiro, o poder, o status) e apresentam finais quando não trágicos, pelo menos sem a presença do amor. Mas, tudo está bastante entrelaçado à primeira pista de Drummond: Lili não amava ninguém. Assim, também é possível executar a leitura dos versos como explicações da atitude de Lili. Joaquim teria se suicidado por Lili ter casado com J. Pinto Fernandes. Maria ficou para tia, pois seu grande amor (Joaquim) havia cometido o suicídio. Então todas as atitudes (ruins) teriam sido causadas por Lili, o que colocaria a redenção de volta ao amor: o vilão seria o interesse financeiro, as convenções sociais.

Ao fim, temos um autor mais uma vez preocupado com as questões sociais. Drummond é humano. Estabelece essa ponte lírica, de pilares metafóricos, epifânicos e hipertéticos, para, tentando esconder, mostra uma condição humanamente poética, de desejos, incompletudes, receios e perplexidades.

6. REFERÊNCIAS

- AMORA, A. S. *Introdução à teoria da literatura*. 13. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- ANDRADE, C. D. *Alguma poesia*. São Paulo: Record, 1930.
- ANDRADE, C. D. (1942). *José*. Rio de Janeiro, Nova Abril Editores, 1960.
- ANDRADE, C. D. *A rosa do povo*. São Paulo: Record, 1945.
- ANDRADE, C. D. *Antologia poética*. São Paulo: Nova Cultural, 1963
- BARBOSA, R. *Literatura Comentada: Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- BARBOSA, R. Análises textuais. In: praticandoleitura@blogspot.com, acessado em 09 de maio de 2018.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1964.
- COELHO, N. N. *O ensino da literatura*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 1974.
- COUTINHO, A. *As formas da literatura brasileira - ensaio* (1984). São Paulo: USP, 2004.
- DAVIS, D. *Análise de "Quadrilha"*, de Carlos Drummond de Andrade. www.homoliteratus.com, acessado em 10 de abril de 2015.
- FLORÊNCIO, R. R. *Os Textos Literários e a Perspectiva de Contextualização*. In: Revista Contexto, v. 5. Petrolina: SEC, 2014.
- FLORÊNCIO, R. R. *Iniciação à Subjetividade na Poesia de Drummond*. In: Revista Contexto, v.7. Petrolina: SEC, 2016.
- FLORÊNCIO, R. R. *Interpretação de Textos a partir de Análises Isoladas*. Anais: GELNE Garanhuns, 2016. Recife: Pipa Comunicação, 2016.
- MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 3. Ed. Campinas: Editora UEC, 1997.
- MOISÉS, M. (1982). *Literatura: Mundo e forma*. São Paulo: Nova Fronteira, 1988.
- NICOLA, J. *Literatura brasileira: das origens aos nossos dias*. São Paulo: Scipione, 1998.
- PLATÃO, F.; FIORIN, J. L. (1999). *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2001.

ROCHA, Veridiana. *Analisando Drummond de Minas ou as minas de Drummond* In: www.recantodasletras.com.br, acessado em 09 de maio de 2018.

TELES, G. M. (2009). *Tinha uma pedra no meio do caminho*. Disponível em: blog www.culturagenial.com , acessado em 10 de maio de 2020.

Recebido em: 12 de novembro de 2019

Aceito em: 28 de dezembro de 2019

Publicado em: dezembro de 2020